

Alta da produção vai superar demanda, diz IBS

ANA CECILIA AMERICANO
RIO

Em comparação com os últimos 50 anos, a siderurgia vive hoje “seus anos de ouro”. A imagem foi usada por Rinaldo Campos Soares, ex-presidente do Instituto Brasileiro de Siderurgia (IBS), que passou o cargo ontem para Flávio Roberto de Azevedo, para abrir o primeiro painel do Encontro Nacional de Siderurgia, ontem, no Rio. No Brasil, as taxas de capacidade ociosa que tradicionalmente já foram de até 25% se encontram em 1,4%, ou seja, a indústria no País atingiu a plena capacidade de produção. A projeção do consumo brasileiro para 2010 é de 27,6 milhões de toneladas de produtos siderúrgicos e 39,8 milhões toneladas em 2015. “Com isso, a participação da produção do País atingirá 2,4% da internacional.”

O executivo apontou alguns fatores que devem contribuir para o crescimento esperado para o mercado interno: a mobilidade social brasileira (com a inclusão de contingentes de pobres às classes médias do País); novas operações de financiamento; o foco do atual governo na promoção do crescimento; o investimento estrangeiro crescente (principalmente depois de o País ter alcançado a classificação de grau de investimento); e o combate aos déficits habitacionais e de infra-estrutura que se fazem necessários.

Nesse cenário, não caberiam dú-

vidas. “Não é possível obter desenvolvimento social e econômico sem uma base produtiva própria”, afirmou Soares. Para ele, a siderurgia é um setor crítico para a sustentação do crescimento brasileiro. “Sua expansão é condição para as demais cadeias produtivas”, acredita.

E o crescimento estaria bem encaminhado. Só em 2007, a capacidade produtiva do País expandiu-se em 20%, acrescentando 8,4 milhões de toneladas. No momento se fazem acréscimos que somarão ao longo dos anos uma capacidade de 63 milhões de toneladas. Desses investimentos, um terço são de grupos entrantes no País.

Mas há desafios, frisa Soares. A competição deve se acirrar, as exigências ambientais pedem uma maior flexibilização, o acesso a economias mais maduras precisa ser melhorado e não se pode negligenciar a atualização de tecnologias e processos. São desafios gigantescos para gigantes, comparou. Entre os presentes, houve consenso sobre a capacidade de a indústria nacional dar conta do aquecimento da demanda interna.

“Nossa capacidade de produção em 2007 foi de 41 milhões de toneladas e a produção foi de 38 milhões”, afirmou Isaac Popoutchi, diretor executivo de Relações Institucionais e governamentais da CSN. “E o mercado interno consumiu 25 milhões de toneladas”, frisou. “E teremos, em 2016, algo co-

mo uma capacidade de 80 milhões de toneladas no Brasil. Isso indica que teremos uma capacidade maior que a demanda”, fez questão de ressaltar.

Exigências ambientais

As exigências da legislação do meio ambiente pautaram parte das discussões. “Essa é uma preocupação, pois as licenças são processos difíceis e dolorosos, além se estenderem por prazos muito extensos”, afirmou Popoutchi. Paulo Musetti, diretor da área de negócios de aço da Votorantim Metais fez coro: “Estamos com uma exacerbação excessiva dessa questão, apesar de o Brasil estar preparado para enfrentar as exigências”. Para Musetti, o outro lado — ONGs e ambientalistas — teriam de respeitar a indústria que faz a sua parte, investindo e respeitando a legislação.

Popoutchi lembrou, por exemplo, que a CSN investiu R\$ 2,5 bilhões em equipamentos adequados à questão do meio ambiente desde a privatização. “Volta Redonda apresenta o segundo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do estado, apesar de termos uma grande usina em seus domínios.”

Para José Armando Campos, diretor presidente da ArcelorMittal Brasil, o País

está bem posicionado nesta questão. “Não se trata apenas da legislação do meio ambiente, mas da nossa visão de sustentabilidade da própria indústria”, disse. Para ele, a legislação brasileira é boa. E o Brasil tem um diferencial em relação a outros países: “seu modelo de gestão que leva em conta água, resíduos, cogeração de gases utilizados nos processos, uma matriz energética limpa. Dispõe de áreas degradadas que podem ser usadas para cultivo de biomassa, principalmente florestas de eucalipto. “O que nos afeta é a aplicação da legislação com a superposição das três esferas de governo — federal, estadual e municipal”, reclamou, pedindo maior simplicidade nos processos e racionalidade no sistema.

Soares, do IBS, lembrou que a indústria tem trabalhado dentro dos padrões exigidos. “Todos os novos equipamentos estão dentro da legislação. E já foram feitos investimentos de US\$ 1,5 bilhões para ajustes.

Azevedo também assumiu lembrando o nível de investimento que o setor está fazendo hoje no País —US\$ 27 bilhões — que deverá garantir não apenas o abastecimento do mercado interno, como a perspectiva de exportações consistentes. Para o novo presidente, cabe ao setor cobrar medidas de complexa implementação e de aprovação difícil como as reformas tributárias e a trabalhista. Para ele, o momento de exigir essas reformas é agora. “É preciso aproveitar o sol para consertar o telhado.”

**IBS PREVÊ
CONSUMO DE**

39,8

milhões de toneladas no País em 2015